

5 Conclusão

Essa pesquisa parte de uma pergunta inicial: exercícios de colaboração através de oportunidades projetuais do design podem contribuir para o empoderamento de pessoas para agir produtivamente no desenvolvimento de projetos, manufatura e comercialização de objetos artesanais?

Tendo por fio condutor a hipótese de que as metodologias de identificação de oportunidades projetuais têm a capacidade de se constituir em elementos norteadores para a formação de integrantes de comunidades criativas, a presente pesquisa teve como guia as metodologias de projeto do ensino de design para a capacitação de um grupo determinado: Mães do Inosel.

O objetivo geral foi oferecer meios e procedimentos, derivados das metodologias projetuais do design, inicialmente com intuito de desenvolvimento de produtos. Com o desenrolar do projeto, percebeu-se que os resultados não estariam ligados a produtos desenvolvidos e sim ao empoderamento das mulheres envolvidas no processo de capacitação.

Para responder à pergunta inicial acima apresentada, começamos relacionando e explicando alguns conceitos: empreendedorismo social, artesanato, desenvolvimento social sustentável, grupos cooperativos, design estratégico e comunidades criativas. Tendo por base os autores consultados, concluímos que as comunidades criativas são grupos que se reúnem agindo cooperativamente.

Essas comunidades criativas podem ser favorecidas e fortalecidas por ações de designers, através do design estratégico ou design para a sustentabilidade, visando ao desenvolvimento social sustentável, que é a busca pela autossustentabilidade. Um dos meios de esses grupos alcançarem esses objetivos é através de práticas pré-industriais, como o artesanato, por exemplo. Dessa forma, pode haver o empreendedorismo social quando esses grupos se tornam autônomos e empreendedores.

Complementarmente a esse estudo, buscaram-se ainda alguns exemplos de processos em que o empreendedorismo social estivesse aliado ao artesanato, com o intuito de aproximar essas experiências ao nosso estudo de caso. O LabSol, o

Imaginário Pernambucano, o Design Possível, o Projeto Minas Raízes e o trabalho do designer Renato Imbroisi foram algumas experiências e metodologias relatadas.

Mas a pesquisa tomou novos rumos e o estudo de caso acabou se distanciando um pouco desses exemplos inicialmente analisados. Percebeu-se com o contato com as Mães do Inosel a importância de construir uma metodologia própria, com atividades originais e direcionadas às especificidades do grupo.

Vale ressaltar, contudo, que as impressões e conclusões que tiramos na primeira etapa da pesquisa foram muito importantes. Primeiro, a constatação de que para cada caso uma metodologia precisa ser desenhada. A segunda conclusão nos remete a uma relevância definida na introdução do trabalho: não importa o tipo de trabalho, o tipo de metodologia ou o nome que é dado a essas iniciativas, o mais importante desse processo é o caminho para o desenvolvimento de uma sociedade baseada em princípios sustentáveis, que em última instância se encontra alinhado aos preceitos do design estratégico.

Munida do aprofundamento realizado nos Capítulos 2 e 3, teve início, então, a segunda etapa da pesquisa: o estudo de caso. Logo no início foram identificadas as diferenças entre o grupo que serviu de base para esse estudo e os outros grupos que foram objeto de relato no Capítulo 3. Dentre as principais diferenças encontradas, a que se tornou mais relevante foi o objetivo final do trabalho a ser realizado, qual seja, o foco não recairia no produto final ou nas técnicas que seriam desenvolvidas, mas nas participantes, as Mães do Inosel, como foi visto e discutido no Capítulo 4.

Autores como, por exemplo, Melo Neto e Fróes serviram de inspiração para essa mudança de direcionamento, ao defenderem que em trabalho com comunidades o que se deseja realmente são pessoas empoderadas, que se sintam valorizadas em suas atitudes e comportamentos.

Como tornar as pessoas cidadãos ativos, atuantes, responsáveis, mobilizados para o desenvolvimento local? Como desenvolver capacidades e habilidades humanas? Como tornar os indivíduos mais criativos, despertando neles suas necessidades e desejos de crescimento econômico e bem-estar social?

[...] O empoderamento social, que compreende a união das pessoas e da comunidade sob a forma de redes e teias cooperativas [...].

[...] E como tornar a população local beneficiária do desenvolvimento? Empoderá-la é o único caminho a seguir (MELO NETO E FRÓES, 2002, p. 119,120).

Empoderamento, foi uma palavra que no início desse trabalho soava ainda pouco familiar. Hoje se encaixa perfeitamente na abordagem de pesquisa adotada. Empoderar, neste trabalho, passou a ser sinônimo de dar as ferramentas necessárias a uma pessoa ou grupo a fim de que ele se torne autônomo em um determinado processo ou aprendizagem.

Em busca dessas ferramentas, baseamos nossa metodologia no Design em Parceria, que viabilizou o trabalho com o grupo em torno de etapas projetuais do design e, assim, ajudou as participantes a desenvolver tarefas a partir de seus desejos, conhecimentos e expectativas.

Não havia necessariamente um modelo de resultado de produtos a ser alcançado e sim a expectativa em relação ao desenvolvimento de autonomia projetual por parte das participantes.

Desde já se pode identificar como um possível desdobramento da presente pesquisa, a ampliação do foco em relação aos resultados em termos de produtos. Se o projeto se estendesse por mais tempo, por certo poderíamos focar nisso e até mesmo na comercialização.

É possível que as Mães do Inosel não tenham consciência de todo o conhecimento que adquiriram nesses meses, mas o resgate da autoestima foi logo percebido. No dia da exposição, Glaucineide nos contou que, depois de três tentativas fracassadas, tinha passado na prova da autoescola. Os resultados que estava obtendo com o curso estavam refletindo em toda a vida dela. São relatos pontuais como este que apontam para a importância do desenvolvimento de projetos dessa natureza.

Ainda nessa segunda etapa da pesquisa, outro ponto que merece destaque é a interdisciplinaridade propiciada por esse tipo de projeto que, neste caso específico, surgiu devido à diversidade do grupo, como apresentada no Capítulo 4. A heterogeneidade pode ser compensada na homogeneidade das tarefas propostas, e o caráter interdisciplinar enriquece ainda mais o trabalho.

Com apoio nas ideias de Pichon-Rivière (1994) percebeu-se que a interdisciplinaridade estava presente, pois cada membro do grupo pode receber e

interpretar de diferentes formas as informações recebidas, refletindo suas vivências e experiências pessoais e, realizando através da cooperação, trocas e parcerias.

Após percorrer todo esse caminho, destaca-se um segundo ponto, relacionado à atuação do designer no mercado de trabalho e como agente de transformação social. Esse ponto relevante responde a uma importante questão que se coloca na contemporaneidade sobre o papel do designer na sociedade.

Como sugere Manzini (2008), essa preocupação deveria ser uma meta de todas as pesquisas na área do design. Nessa pesquisa, ela representou a motivação para desenvolver uma dissertação de mestrado, apontando alternativas para uma atuação mais social e menos comercial por parte do designer.

[...] Observa-se, de fato, entre muitos designers e pesquisadores da área, um crescente interesse para uma prática de projeto capaz de promover a melhoria nas condições da sociedade e dos contextos de vida cotidianos e, sobretudo, de empoderar a população na satisfação das próprias necessidades, promovendo assim dinâmicas democráticas que contribuam à redistribuição de poder na sociedade (DEL GAUDIO, 2014 p. 249).

A partir dessa análise de Del Gaudio, podemos perceber também que nesse contexto os designers podem promover ainda a inovação social.

O primeiro desdobramento desta pesquisa já foi citado anteriormente: seria uma ampliação do tempo desse projeto, focando ainda em outras questões que foram pouco desenvolvidas, como uma melhoria nos produtos e sua comercialização. O passo mais difícil já foi dado: o início da parceria e os primeiros contatos com as mulheres. Hoje o caminho está bem facilitado para uma possível continuação da pesquisa pela própria pesquisadora ou mesmo por outro pesquisador.

O segundo desdobramento surgiu a partir de visitas posteriores feitas pela pesquisadora. Durante os últimos meses de 2016, visitei a escola algumas vezes. Infelizmente o cenário encontrado não era o desejado. O grupo se desintegrou. Vera, que era a grande líder, estava muito afastada de todas e frequentando pouco a escola. Segundo Glória, provavelmente em função do filho, que em 2017 não estudará mais no Inosel. Tereza, que tem formação pedagógica, estava trabalhando como voluntária, ensinando Libras às outras mães e também português a algumas. O grupo não se reunia mais para executar trabalhos

artesanais. Reuniam-se apenas no aprendizado de Libras ou quando eram solicitadas por Glória por algum motivo.

A única que continuava a praticar o artesanato durante o período escolar era Neivane. Após algumas conversas com Glória e Neivane sobre a questão, sugeri a elas que elaborássemos juntas um programa para 2017, com a diferença de que seria a Neivane que conduziria as aulas. Assim como aconteceu na formação aqui relatada, o novo curso seria oferecido, no início de 2017, às mulheres interessadas em continuar a prática.

A proposta acima esboçada foi inspirada no exemplo da intervenção de Renato Imbroisi no grupo Agulha Mágica, com a artesã Maria Ana. Às vezes em um grupo grande apenas uma mulher continua com a prática artesanal e, mesmo que aquela ação só ajude realmente uma integrante, ainda assim o trabalho vale a pena. Por intermédio de Neivane, o conhecimento poderá ser multiplicado, pois temos exemplos de que isso já aconteceu no Inosel com o caso de Vera, que ensinava a algumas mães uma técnica que havia aprendido com outra mãe da escola.

Por último, vale ressaltar que o Design Social e a prática do Design em Parceria ainda estão muito vinculados ao ensino acadêmico, considerado por muitos uma visão romântica do papel do designer, e que na maioria dos casos não acontece no mercado de trabalho. Percebeu-se, contudo, no decorrer da pesquisa, que a partir deste século muitas iniciativas de discussão sobre o papel social do design têm sido empreendidas. Muitos projetos independentes, vários grupos e até mesmo plataformas como a Rede Artesol e a Rede Asta¹, trabalham essa questão, fortalecendo esse conceito.

Acredita-se que a procura de alguns designers por um caminho profissional mais voltado para o social e para o bem comum e menos para o mercado e para o consumismo poderá contribuir para o entendimento do verdadeiro papel e da responsabilidade do profissional/designer em relação aos problemas de nossa sociedade.

¹<<http://www.redeasta.com.br/>>, <http://artesosol.org.br/>; Acesso em: 18 out. 2016.